



## Lobivar Matos e Manoel de Barros - Cesário Verde e Fernando Pessoa: Aproximações

Raquel Naveira

Chegamos a Corumbá percorrendo as serras, observando o voo dos tuiuiús e das araras azuis, espalhando pelo ar o pó claro da terra calcária. As ruas de paralelepípedos, os casarões antigos, as palmeiras que levam ao porto, tudo nessa cidade é mágico. É fronteira vazada, tríplice (Brasil, Paraguai e Bolívia); é passado das culturas da platina e do chaco. À noite, fantasmas percorrem as avenidas largas. Foi assim que encontrei em frente ao cais, lugar de saudades que se transformam em pedras, o poeta Lobivar Matos. Magro, baixo, orelhas de abano, olhar inquieto, esse corumbaense falecido precocemente em plena fase de amadurecimento pessoal e do movimento modernista, estendeu-me a mão e me fez caminhar pelas páginas de seus livros, pelas sílabas e silêncios de seus poemas. *Areotorare*, o livro de estreia, refere-se ao índio que fala aos irmãos da tribo, em volta da fogueira, contando histórias e perpetuando lendas. *Sarobá*, nome de um bairro pobre de negros, lugar sujo, miserável, onde habitavam a mulata Isaura, o Nhô Juca, Mané Galvão, os moleques, as lavadeiras, os marginalizados, os excluídos, os anônimos, figuras humanas tristes, quase trastes, vestidas de trapos, acostumadas ao banzé de cuia, à bagunça, ao forrobodó. “\_Vê, disse-me ele, é uma mancha negra bulindo na cidade mais branca do mundo”. De uma bica pingava água e fazia lama no chão socado.

Conduziu-me a uma igreja, onde ficou namorando os desgraçados encolhidos na escadaria. “\_Os verdadeiros santos”, confessou-me ele sobre sua religião pessoal que misturava dor, compaixão e solidariedade.

Literatura é mesmo invenção e memória, concluiu enquanto chacoalha o ônibus que me afasta de Corumbá e do fantasma de Lobivar. Abro o livro *A Vida e a Obra de Lobivar Matos*: o modernista (des)conhecido”, da professora Susylene Dias de Araujo, sua tese



Manoel de Barros

de Doutorado, defendida na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mas se é um trabalho científico em que a autora apresenta Lobivar Matos como “o sábio bororo de *Areotorare*”; o poeta-filósofo-fotógrafo que revela Sarobá à luz dos lampiões e da consciência sociológica; o poeta que nos deixou um livro inédito, o *Rendas da Interrogação*, datado de 1933, formatado pelo próprio autor, resistindo ao tempo, cheio de devaneios poéticos, coletânea de epígrafes e referências, permeado de dúvidas que se trançam como rendas nas rodas do Destino, por que choro assim? Por que as lágrimas inundam minha face constatando quanto inútil foi para o poeta sofrer tanto pela humanidade? Ofereceu-se como sacrifício vivo. Ele que acordara contente numa manhã de sol, com vontade de se estirar na areia, mas que, ao lembrar dos milhares de irmãos injustiçados, trancafiados nas prisões, começou a sentir a úlcera do fígado doer, doer, até estourar. Gemeu e gritou até a morte. As veias e os versos secos.

No capítulo “A Amizade Literária”, um encontro, um tesouro, uma aproximação no tempo e no espaço: Lobivar Matos e Manoel de Barros foram amigos na infância, habitaram o chão da branca cidade de Corumbá. Embora de famílias diferentes, receberam o sobrenome Barros em seus registros de nascimento. Lobivar, o mais velho, de 1915, teve sua vida abreviada aos 32 anos. Manoel, de 1916, faleceu aos 98 anos, gênio reconhe-

cido, aclamado pelo público leitor e pela crítica. Lobivar e Manoel se conheceram, conviveram em Corumbá e no Rio de Janeiro, onde ambos cursaram Direito e tentaram ampliar seus horizontes existenciais e literários. Lobivar apresenta Manoel como “um novo poeta que surge”, “um poeta originalíssimo” o seu amigo Nequinho. Fala entusiasticamente de uma efervescente geração de poetas, anuncia o surgimento de modernistas no sul de Mato Grosso. Em 1936, Lobivar publica *Areotorare*. Um ano depois, Manoel publica *Poemas Concebidos sem Pecado*. Dois jovens poetas amigos. “Lobivar, o Lolito, foi meu amigo até uma semana antes de sua morte”, escreveu Manoel de Barros em carta à professora Susylene, resgatadora de fios e rendas. Influenciaram-se mutuamente. Lobivar vaticinou a liberdade. Manoel viveu-a com intensidade criativa.

Essa história me lembrou de outro encontro, outro tesouro, outra aproximação: Cesário Verde e Fernando Pessoa, poetas modernistas portugueses. Amo a dicção dos poetas portugueses! Cesário Verde nasceu em Lisboa, em 1855, filho de um lavrador e comerciante. Foi obrigado a dedicar-se às atividades práticas que colidiam com seu temperamento sensível. Faleceu em 1886, aos 31 anos. No ano seguinte, Silva Pinto reuniu seus poemas no *O Livro de Cesário Verde*. Trata-se de um lirismo não amoroso, não metafísico, de um repórter atraído pela cidade

pulsante, cheio de emoção perante o real cotidiano, fascinado pela paisagem citadina, que, ao mesmo tempo, o seduz e o repele, como um visgo, um nojo, um desencanto. No longo poema “O Sentimento de um Ocidental” aparecem “as ruas de Lisboa ao anoitecer, soturnas, melancólicas, as sombras, a maresia do Tejo, o gás extravasado, as chaminés, a turba, as fragatas ancoradas, o miado das gatas, o cheiro de peixe podre gerando focos de infecção”. Tudo muito forte, moderno e perturbador.

Morre tão jovem Cesário Verde! O lírico insatisfeito, o visionário de objetos e belezas que só mais tarde viriam a ser explorados por Fernando Pessoa, seu discípulo, seu continuador.

Fernando Pessoa, maior poeta português depois de Camões, nasceu em Lisboa em 1888 e faleceu em 1935, aos 47 anos de idade, de cirrose. Assinando com seu heterônimo Álvaro de Campos escreve o poema “Lisbon Revisited”, claramente inspirado em Cesário Verde. Álvaro de Campos, na cosmovisão pessoana, é poeta irritadiço, grandiloquente, niilista, ofensivo, agressivo em contato com a civilização nas suas engrenagens de máquina. E desabafa aos seus contemporâneos cegos: “Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!”

Encontros, tesouros, aproximações: Lobivar Matos/Manoel de Barros- Cesário Verde/Fernando Pessoa. A arte é longa; a vida é curta. Mais curta ainda para os amados poetas que morreram jovens. Alguns pontos sempre aproximam os poetas: amizades, cidades, livros, pedras, portos e rios. O rio Paraguai e o rio Tejo desembocam na foz, na voz de seus poetas, penso, o rosto encostado no vidro do ônibus que atravessa o Pantanal.

**Raquel Naveira é Doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy (França), Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP e vice-presidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras.**

## Muita Paz e Luz

Rosani Abou Adal



O Natal é um feriado religioso cristão que é comemorado no dia 25 de dezembro, entretanto os cristãos ortodoxos comemoram a data no dia 7 de janeiro e os cristãos armênios no dia 6 de janeiro. Os Judeus celebram o Hanukkah (que dura oito dias e começa após o pôr-do-sol do 24º dia do mês judaico) e os islâmicos ou muçulmanos fazem o Ramadã (celebrado entre 9 de Julho e 7 de Agosto).

Enquanto os judeus comemoram com panquecas de batata (latkes) e roscas com geleia (sufganiyot) e mel, os muçulmanos fazem o mês sagrado marcado pelo jejum e os ortodoxos praticam o Jejum da Natividade (durante os quarenta dias que levam ao Natal), os cristãos comemoram com mesas fartas e muito desperdício de comida.

Desejamos aos nossos leitores, amigos, colaboradores e clientes um Natal pleno de paz, saúde e amor. Que a plenitude seja estendida em todos os dias de 2018, acompanhada de muita poesia e leitura.

Esperamos que o desperdício seja evitado; bem como a matança desenfreada e desnecessária de animais para serem expostos, nas mesas, com olhos esbugalhados. Enquanto milhões de pessoas morrem - diariamente - de fome no Planeta, nos palácios dos governos o banquete é farto, repleto de esbanjamento do dinheiro público.

Vamos celebrar o Natal com nossos familiares, com muita paz e uma mesa - com a dosagem necessária para alimentar nosso espírito - para que possamos ter mais afeto para com nossos semelhantes.

Boas Festas, sem fogos de artifício e sem desperdício. Vamos ajudar os necessitados e "amar ao próximo como a ti mesmo".

Almejamos que em 2018 Deus ilumine a cabeça dos nossos governantes e políticos a fim de que os gastos públicos sejam cortados de cima para baixo e que não tirem dos pobres para dar aos ricos. Esperamos que não deem punhaladas nas costas do povo brasileiro com reformas retrógradas trabalhistas e previdenciárias.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

### LINGUAGEM VIVA

**Assinatura Anual para 2018: R\$ 120,00**

**Semestral para 2018: R\$ 60,00**

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil - Envio de comprovante, com endereço completo, para o email [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

**Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255**

### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal  
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - [www.xavierdelima1.wix.com/xavi](http://www.xavierdelima1.wix.com/xavi)

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores  
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

## MENSAGEM NATALINA 2017

parabenizando o Jornal LINGUAGEM VIVA  
pelos seus 28 anos de ininterruptas  
publicações literárias

Helene Maria Paulinyi

Tempo de avaliações,  
de mudanças,  
de mutações nas esferas  
tecnológicas e biológicas,  
mostrando seres vivos  
em francas transformações.

E nós, presentes de corpo e alma  
nesta terra - herança única de Deus -  
solucionemos problemas,  
grandes e pequenos,  
nossos e dos outros em volta de nós,  
com o poder da nossa inteligência,  
para usufruirmos  
e perpetuarmos  
a Mensagem  
Daquela Noite Santa de Natal.

Helene Maria Paulinyi é Dr. Sc. Gerenciamento de Meio Ambiente, Presidente da Academia Feminina Mineira de Letras e Vice Cônsul Honorária da Hungria.

## Débora Novaes de Castro

**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS

- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -

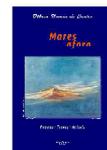
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

**Trovas:** DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

**Poemas Devocionais:** UM VASO NOVO...



**Antologias:**

**Poemas:** II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

**Trovas:** II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

**Haicais:** II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



**Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura:**

[www.todacultura.com.br](http://www.todacultura.com.br) via telefax: (11)5031-5463 -

E-mail: [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br) - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

## Marcos Barrero, poeta de coração paulistano

Adelto Gonçalves

I  
A exemplo do que Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) disse do poeta argentino Rodolfo Alonso, o poeta Marcos Barrero não usa as palavras pela sensualidade que desprendem, mas pelo silêncio que concentram, procurando com sua poesia tentar exprimir o máximo de valores no mínimo de matéria vocabular. De fato, a poesia de Barrero impõe-se por uma concisão que chega à mudez, como diria Drummond. É o que o leitor pode comprovar em *Pra machucar meu coração* (São Paulo, Editora Patuá, 2017), sua segunda experiência no gênero, depois da estreia com *Catchup*, *Mostarda e Calorias* (São Paulo, Editora Artrífice, 2008).

Nascido em Assis, na região Oeste do Estado de São Paulo, Barrero vive há mais de quatro décadas na capital paulista, embora nunca tenha abandonado suas ligações com a terra natal, como é prova o livro Assis de A a Z – a Enciclopédia do Século 1905-2005 (São Paulo Editora L2m, 2008), em que reúne verbetes sobre personagens notáveis daquela cidade em seu primeiro século de existência, o que inclui não só figuras locais, mas também nacionais e internacionais.

Em outras palavras: embora o título deste livro renda homenagem ao compositor carioca Ary Barroso (1903-1964), o coração do poeta é essencialmente paulistano, como mostram vários poemas em que procura reinventar o cotidiano de uma cidade que hoje já pouco tem da paulicéia desvairada de Mário de Andrade (1893-1945). Um bom exemplo é “Bar da Rua do Chora Menino”, que flagra um instante numa artéria situada no bairro do mesmo nome na Zona Norte de São Paulo, distrito de Santana, local inicialmente ocupado por chácaras de imigrantes portugueses e, mais tarde, habitado também por imigrantes armênios:

Banha do dono derramada no balcão.  
Moleque de havaianas sonhando num canto.  
Sol.  
Um carro funerário atravessa a rua.  
Pés empoeirados e flores murchas.  
Um cão entre as pernas.  
Cai a tarde.

E a viúva da rua de baixo passa com olhos espertos sob a sombrinha.

II  
Se nem todo poema carrega poesia, é verdade que nem toda poesia aparece como poema. Mas, às vezes, é preciso procurar descobrir o que está por trás do poema ou, quem sabe, por dentro do poema. Por isso, mesmo quando se trata aparentemente apenas da apreensão de um flagrante da vida ou de uma tentativa de reprodução de um momento, uma “fotografia” da realidade, ainda assim há poesia por trás dos versos secos. No caso de Barrero, suas peças perfeitas são as pequenas, como disse certa vez Lêdo Ivo (1924-2012) da poesia de Manuel Bandeira (1886-1968). Leia-se, por exemplo, “Manzanero”:  
O nosso amor quase sempre é fevereiro

Às vezes, agosto.  
Certos meses, incerto  
Alguns anos melhor do que outros.  
Nada mais quero  
Só esse bolero no alto-falante.  
Me gusta así:  
o flash, o insight, o instante.

Em vários seus versos, há também uma nítida preocupação com o acaso inevitável das coisas, a degeneração ou decadência do ser humano, enfim, o sentimento da aproximação da morte, como se pode ver no poema “PS”:

Vai o vulto  
das dores físicas  
do desabamento do corpo  
arrastando o chinelo  
desenhando com os pés  
os percalços da carne veterana.  
A cada passo  
lento nos corredores  
o mapa da dor  
a geografia do fim.

Adepto do verso livre e de poemas breves, elípticos e sugestivos – alguns, até epigramáticos –, Barrero, com esta obra, dá uma demonstração inequívoca do vigor de sua poesia, conduzindo-se sempre de modo harmonioso neste ofício, o que deixa entrever que pode oferecer muito mais em próximos livros, pois, com certeza, há de ter gavetas cheias de textos à espera para saírem à luz.

Resenhista de mão cheia e, portanto, leitor contumaz, além de bibliófilo à la José Mindlin (1914-2010), o que o fez até reservar um imóvel só para abrigar suas preciosidades literárias, Barrero não é um poeta principiante, embora não seja vasta a sua produção poética

publicada. Poeta de estilo apurado e profundo conhecedor da vida e da obra dos maiores poetas do Brasil e do mundo, ele, que sempre viveu (e sobreviveu) das palavras, sabe o valor exato que cada uma tem quando precisa manifestar o que lhe vai pela alma. E, por isso mesmo, sempre foi muito rigoroso com sua própria obra.

III  
Jornalista, escritor e professor de Jornalismo, é autor ainda dos livros *História dos Campeonatos Regionais* (esportes), *Casa da Fazenda* (co-autoria), *Dez Décadas – a História do Santos FC* (co-autoria) e *Empresários Brasileiros* (co-autoria). Foi roteirista e diretor da Rede Globo e o primeiro ombudsman de rádio do mundo na Bandeirantes/AM, em 1996, conforme registra a Organization of News Ombudsmen, de San Diego/Califórnia. Atuou como professor de Jornalismo, Telejornalismo e Radiojornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC), de São Paulo, de 1990 a 2004.

Foi apresentador, diretor artístico e um dos fundadores da allTV, com a qual ganhou o Prêmio Esso de Melhor Contribuição ao Telejornalismo Brasileiro em 2005. Formou-se em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, de São Paulo, e possui curso de especialização em Jornalismo Brasileiro pela mesma instituição.

Foi chefe de redação do extinto jornal *A Gazeta Esportiva* e editor da *Revista Placar*, da Editora Abril. Fez várias coberturas internacionais e ganhou os principais prêmios jornalísticos do País, inclusive



Marcos Barrero

o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Desempenhou ainda as funções de repórter, redator e editor na revista *Manchete*, nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Gazeta Esportiva* e *Diário de S. Paulo*, na Editora Abril e nas rádios *Jovem Pan* e *Bandeirantes*. Escreveu para *Veja*, *Isto É*, *Folha de S. Paulo* e *Leia Livros*.

***Pra machucar meu coração***, de Marcos Barrero. São Paulo: Editora Patuá, 116 págs., R\$ 38,00, 2017.  
E-mail: barrero@uol.com.br  
Site: [www.editorapatua.com.br](http://www.editorapatua.com.br)

**Adelto Gonçalves é jornalista, mestre em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana, doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, autor de *Os Vira-Latas da Madrugada* (Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1981; Taubaté, Letra Selvagem, 2015), 2002), *Bocage – o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003), *Tomás Antônio Gonzaga* (Academia Brasileira de Letras/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012), entre outras obras. E-mail: [marilizadelto@uol.com.br](mailto:marilizadelto@uol.com.br)**

LIVRARIA BRANDÃO

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Rua Coronel Xavier de Toledo, 234 Sobreloja República  
São Paulo - SP - (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646  
[sebobrandao@gmail.com](mailto:sebobrandao@gmail.com) Face: Sebo Brandão São Paulo  
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

## VONTADE DE NADA

Djalma Allegro

Hoje é o meu dia de sonhar penumbras,  
De ser de treva até no calcanhar...  
Morrer por dois minutos de floreios  
E padecer, por fim, num copo amigo.  
Quero apagada a luz do meu veleiro,  
Deixando à Lua inventar fantasmas,  
Eu preciso de rotas esquecidas  
E bússolas erradas.  
Desejo entranhas cósmicas de vácuo,  
Onde a Saudade é ampla como o Mal,  
Repousarei na esteira de silêncio  
E forçarei meus sonhos para o Nada.  
Hoje é o meu dia de sonhar penumbras...

Djalma Allegro (1938 - 2017) é escritor, poeta, advogado e diretor da União Brasileira de Escritores.

## O CASARÃO

Raymundo Farias de Oliveira

Ali era o casarão  
Foi demolido para dar lugar  
ao suntuoso edifício de apartamentos  
Máquinas barulhentas interromperam  
a quietude que aflagava a ruazinha vazia  
Tempo sossegado... flores de flamboiã  
colorindo a imensa árvore antiga  
que refrescava com sua sombra  
o vasto quintal nas tardes estivais  
Algazarra de bem-te-vis e gritinhos  
estridentes de crianças crescendo  
sem saber que cresciam  
A menina-moça estreado o sutiã  
e a canção de Tom Jobim e Vinicius de Moraes  
fazendo crepitar a fogueira do primeiro amor...  
Tilintar de talheres entre cascatas  
de risadas ao redor da mesa fraterna  
Pratos exalando sabores e aromas capitosos  
O velho relógio de parede despejando  
badaladas com inefável sonoridade poética  
Os dedinhos da vovó saltitando com ternura  
no teclado amarelado do piano de armário  
para enfeitar a calma das tardes fagueiras  
E agora perdido na minha perplexidade  
contemplo o imponente e silencioso arranha-céu  
com centenas de pingentes luminosos cintilando insistentemente em  
todas as sacadas desertas !...  
É noite de Natal e Papai Noel aflito e ofegante  
procura inutilmente as crianças do casarão daquele tempo

Raymundo Farias de Oliveira é escritor e procurador do Estado aposentado.

## “Vontade de Nada” - o Poeta Djalma se despede

Djalma Allegro, poeta, escritor, jornalista, advogado e ator de teatro e televisão, faleceu no dia 19 de dezembro, em São Paulo, no fechamento desta edição.

Djalma da Silveira Allegro nasceu em 26 de maio de 1938, em Bebedouro (SP). Exerceu os cargos de diretor da Seção de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB SP), da Caixa de Assistência dos Advogados de São Paulo (CAASP) e da União Brasileira de Escritores em várias gestões.



Gabriel Kwak, Geraldo Pereira, Fernando Jorge e Djalma Allegro, setembro de 2016, almoço no Bovinus Paulista - 27 anos do L.V.

Autor do livro de poemas *Retomada*, lançado pela Massao Ohno, em 1999. Participou de várias antologias e de shows literários em televisão e universidades. Foi coordenador e jurado do Concurso Estadual de Poesia da OAB/SP.

Desenvolveu nos anos 60, em São Paulo, os movimentos literários da “Catequese Poética”, com Álvaro Alves de Faria, Lindolf Bell, Carlos Solie do Amaral, Carlos Felipe Moisés, Roberto Piva, Claudio Willer, Roberto Biccelli, entre outros importantes nomes. Publicou *Ciranda*, em 1963, pela Editora Águila, em parceria com Alberto Frederico Beuttenmüller e Gilberto Di Pierro, membros integrantes da ala dos poetas da Academia dos Treze, da Faculdade Cásper Líbero de Jornalismo. A primeira edição esgotou em menos de um mês.

Colaborador do *Linguagem Viva* e assinante, desde 2010. O último trabalho seu publicado, o poema *Vontade de Nada*, ao lado.

Na próxima edição, nº 341, janeiro de 2018, daremos mais ênfase.

Sem o sensacionalismo da grande imprensa;  
sem o objetivo do escândalo dramático:  
*Linguagem Viva* é o mensário esperado  
com ansiedade pelos literatos, e gostoso de ler.  
No seu aniversário: Parabéns Rosani!

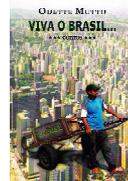
do leitor assíduo e poeta  
Djalma Allegro (UBE e OAB)

## VIVA O BRASIL... de Odette Mutto

**Livraria Asabeca** - [www.asabeca.com.br](http://www.asabeca.com.br) - Link direto: [http://www.asabeca.com.br/detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&friurl=\\_-VIVA-O-BRASIL--Odette-Mutto-&kb=669#.WUFpcFXyuM8](http://www.asabeca.com.br/detalhes.php?sid=14062017135017&prod=7981&friurl=_-VIVA-O-BRASIL--Odette-Mutto-&kb=669#.WUFpcFXyuM8)

**Livraria Cultura** - [www.livrariacultura.com.br](http://www.livrariacultura.com.br)  
Link direto: <http://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-nacional/contos-e-chronicas/viva-o-brasil-46412605>  
**Livraria Martins Fontes Paulista** - [www.martinsfontespaulista.com.br](http://www.martinsfontespaulista.com.br)  
Link direto: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/viva-o-brasil-534465.aspx>

**Cia dos Livros** - [www.ciadoslivros.com.br](http://www.ciadoslivros.com.br) - Link direto: <http://www.ciadoslivros.com.br/viva-o-brasil-contos-745138-p627207>



# Linguagem Viva: Mina de palavras preciosas.

**Geraldo Pereira**

**A**credito possuir hoje alguns milhares de livros, uns oito mil adquiridos, a maioria deles, nos sebos de quase todo o Brasil, nas minhas andanças por este País continental. O início desse salutar hábito foi na cidade do Recife em 1943. Dinheiro curto, curtíssimo, economizava até na passagem de bonde, viajando no 'laré' bonde de segunda classe, e, pechinchava com os pobres donos dos sebos, daquela época, para comprar uma brochura de Castro Alves, Gonçalves Dias, José de Alencar, Machado de Assis, Coelho Neto, Lima Barreto, Humberto de Campos, Jorge Amado, e outros, lá se vai mais de sete décadas!

Apaixonei-me por todo tipo de leitura, Machado e Euclides, me fizeram varar as madrugadas. Depois foi a vez de Lima Barreto, Jorge Amado, Graciliano, Afonso Schmidt, Bandeira; bem mais tarde entrei no campo das memórias, onde Humberto de Campos, o escritor mais lido do país pontificou, e, estava em absoluto esquecimento, até que Assis Chateaubriand, através das edições Cruzeiro, após ocorrido 20 anos de sua morte, editou na década de 1950, o seu *Diário Secreto*, um sucesso tremendo.

Hoje tenho uma centena desses livros, são memórias, depoimentos, pedaços de vida de grandes e pequenos personagens da vida brasileira que desfilam, alguns nos surpreendendo, diante de certos episódios, deles saindo engrandecidos, outros, pobres de tudo, ontem como hoje, sempre oportunistas e subservientes. Uma praga contaminando a dignidade humana.

Há pouco, debruicei-me sobre alguns desses livros, recolhi um pouco de cada um, e, reparto com os leitores do *Linguagem Viva*, jornal literário que, a bendita teimosia da excelente poeta, Rosani Abou Adal mantém de pé há 28 anos, graças a Deus!

José Lins do Rego, filho da pequenina e hospitaleira Paraíba, terra de José Américo de Almeida, Augusto dos Anjos, do estimado casal Adeildo e Beta, do meu sau-



Xavier

doso Amigo José Santa Cruz e, também, da admirável Maria Augusta Capistrano, marchando, no Rio de Janeiro, com entusiasmos para o seu centenário. De José Lins do Rego, no livro *Dias Idos e Vividos* recolho o seu primeiro encontro com Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios.

O tabelião de Mata Grande nos havia dito: - "Os senhores vão encontrar em Palmeira dos Índios o homem que sabe mais mitologia em todo o Sertão. O prefeito nos apresentou: - "Este é professor Graciliano Ramos".

"Professor de coisa nenhuma", foi nos dizendo ele. E ficou para um canto da sala, encolhido, de olhos desconfiados, com um sorriso amargo na boca, enquanto o governador falava para correlegionários. Quis provocá-lo, e tive medo da mitologia. Mas, aos poucos fui me chegando para o sertanejo quieto, de cara maliciosa. Falou-me uns artigos que havia lido com a minha assinatura, com tanta discricção no falar, com palavras tão sóbrias que me encantaram.

O homem que sabia mitologia, também entendia de Balzac, de Zola, de Flaubert, de literatura, como se vivesse disto. Soube que era comerciante, que tinha família grande, que era ateu, que estivera no Rio, que fizera sonetos, que sabia inglês, francês, que falava italiano.

Conheci assim o mestre Graciliano Ramos. Depois o comerciante fechou as portas pagando integralmente aos credores e seria o prefeito de sua cidade, faria relatórios ao conselho municipal, em língua e humor de grande escritor.

Começou aí a carreira deste mestre [...]. Vieram os seus livros. O romance brasileiro, com ele, foi além daquilo a que tinha chegado

[...]. A língua de que ele se serve é um instrumento de fabulosa precisão. Não há nela um desgaste de peça, um parafuso frouxo. Tudo anda num ritmo perfeito [...]. A grandeza do mestre Graciliano está nisto, em que sendo um homem de poucas palavras, é, na solidão de sua obra, um escritor de vida eterna."

Continua com a palavra Jelins: numa crônica publicada em 1942, com o título "Música Carioca"

"A música carioca já nos dera o grande Vila-Lobos. Vila é um filho do samba, dos choros, da magia das escolas do morro. Ele é mais do que tudo isto porque é um gênio, um criador que se sobrepõe ao povo pela força de competir com o povo. Mas a sua música se enraíza no solo quente de Mangueira, da Favela, do Salgueiro.

Outro grande é Noel Rosa. Este saiu de Vila Isabel. Lá embaixo estourara uma mina melódica das mais ricas que tivemos. Como nos pés de serra, a água que é Noel Rosa é límpida.

Sinhô foi outro, um veio rico que ainda nos delicia.

Noel Rosa foi, porém, o maior de todos. A música carioca chegou ao cantor popular dos subúrbios e foi mais alguma coisa que uma música de ocasião. É música de verdade, construída. O seu canto, a sua melodia é rica de personalidade. Sente-se nele a doçura do sofrer do malandro. Quando ele morreu cantaram As pastorinhas na missa de sétimo dia. A música de Noel Rosa é em certos momentos grave, cheia de mais alguma coisa que do movimento e da alegria dos cordões. Ele chora de verdade. Quando cantou o seu subúrbio, fez como um poeta. Disse nesta oca-

sião que 'ao som do samba dançavam até os arvoredos'.

A música carioca é assim como esta imagem de Noel Rosa. É música cálida, de penetração, de força viva. Faz a gente viver em intimidade com a terra e com a gente."

De Josué Montello, no seu *Diário do Amanhecer*, Editora Nova Fronteira, na página 684, nos informa a vergonha a que foi submetido, o respeitável jurista, Hermes Lima, após ser aposentado pelo AI5, deixando o Supremo Tribunal bem mais pobre e acovardado.

"Na Academia, me mostrou o papel que lhe exigem agora para que continue a receber seus vencimentos de ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal, aposentado discricionariamente por Ato Institucional da Revolução de 1964.

De seis em seis meses, ele tem de ir à Delegacia de Polícia de seu bairro, para que se lhe dê o atestado de que está vivo, sem isso não lhe pagam a aposentadoria.

A exigência além de humilhante, e grosseira, é cruel, é vil, no seu propósito de ferir uma alta figura da Justiça e da Cultura do País, como se não bastasse o arbítrio da medida que lhe arrancou a toga na plenitude do saber e da competência.

Ainda bem, que se é o governo que hoje se escarnece dele, amanhã o próprio ato se encarregará de se escarnecer do governo."

Aos leitores, colaboradores e anunciantes do 'Linguagem Viva', os votos de boas festas e que 2018, traga as alegrias a fim de abrandar as tristezas que 2017 impôs ao nosso povo.

**Geraldo Pereira é escritor e jornalista.**

## Roberto Scarano

**Advogado**



OAB - SP 47239

**Trabalhista - Cível - Família**

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11- Mooca - São Paulo  
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

## IMANÊNCIA

Emanuel Medeiros Vieira

“Deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer.” (Sêneca: 4-aC - 65 dC)

Galos na madrugada /Galos no coração  
em nuestra América  
Solar manhã: contamina-me com os teus raios  
Garimpeiro ainda sou – não de barras de ouro  
Perdida emoção, sonho escondido no sótão  
Parabólicas afetivas – o menino e o velho  
sou um rio cheio de afluentes, migrando sempre – tão longe, tão perto  
Esse estatuto de miséria não é o nosso  
Famélicos de infinito: mapas tortos, bússolas quebradas

E meu pai aparece na luminosa manhã – e ele já se foi há tanto tempo  
Pai, nossas orações estão cheias de sujeitos ocultos, predicados  
mesquinhos, verbos frágeis.  
Sempre te amei, Pai!  
Ele só escuta – terno preto, aliança, colete, chapéu, relógio de algebeira.  
Tudo é descartável, pai, nada fica. Ele sorri, vai embora.  
E o subcutâneo domingo irrompe além da pele.  
Lembro-me de um circo mambembe que ficou no subúrbio da alma  
Do dia, quero o sumo, não só o travo – e um piano corta a tarde  
Adeus, Meu Pai!

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico  
e membro da Associação Nacional de Escritores.

## Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - [soninhaabou@gmail.com](mailto:soninhaabou@gmail.com)

## Rosani Abou Adal

Poemas traduzidos para o francês,  
inglês, espanhol, italiano, húngaro e grego.

[www.poetarosani.com.br](http://www.poetarosani.com.br)

## REVISITAÇÃO AOS MITOS DA INFÂNCIA

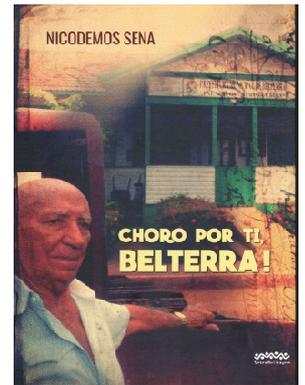
Anderson Braga Horta

*Choro por Ti, Belterra!*  
NICODEMOS SENA.  
Letra Selvagem, Taubaté, 2017.

A história contada neste livro começa, em rigor, em Santarém, aonde o narrador e seu pai haviam chegado na véspera desses acontecimentos (ou desacontecimentos, como talvez o leitor venha a preferir, ao termo da leitura); ou em São Paulo, onde haviam partido, de carro, por esses imensos brasis afora. Mais correto, entretanto – permitam-me ir devaneando ao embalo do atrito dos pneus no asfalto inseguro –, seria situar-lhe as origens “no Lago Grande, município de Santarém, em 1934”, onde e quando nascia Bernardino Sena, o Bibi cuja mãe seria forçada a deixá-lo em casa de um fazendeiro, “padrinho” Teodoro, mercê de tragédias e esbulhos que vitimaram a família. Mas o ponto crucial dessas origens, penso afinal, por ser a verdadeira iniciação à vida de Bibi, foi quando o filho mais velho do fazendeiro, “sem quê nem pra quê”, ferozmente, diria sadicamente, submeteu o menino de cinco anos a séries de insuportáveis suplícios, de que a custo logrou escapar com vida. A partir mesmo desse “Primeiro Episódio” o autor dá a conhecer a força de seu senso do dramático e sua alta qualidade narrativa, do que mais não direi aqui, para não frustrar ao leitor o privilégio de ir tomá-los em primeira mão.

Todo esse rodeio para dizer, enfim, que a “trama” propriamente dita, assentada embora sobre esses nítidos fundamentos, é todavia rala, quase inexistente. Desenvolve-se em aproximadamente um dia e consiste na viagem de pai e filho a Belterra, onde o “velho” dizia ter sido muito feliz. Uma viagem “em busca das raízes no Brasil profundo”. A rarefação dos acontecimentos, o escasso número de personagens, a pouca ou nula importância destes como agentes causam quase uma impressão de surrealismo. Ora, existirá de fato esse lugar? e estará Bernardino “preparado para se deparar com os fantasmas que visitam as suas lembranças mais remotas?”.

Sim, Belterra existe! Cidade criada por Henry Ford (que, aliás, lá não chegou a pisar) para substituir o fracassado projeto de produ-



zir látex de seringueiras no Acre, recebeu estrutura bastante moderna e chegou a render bons dividendos, mas por pouco tempo, apenas até que a inviabilizasse economicamente a borracha sintética produzida na Ásia. Bibi, Bernardino, o pai, também existe, como existe o narrador, seu filho, que é ninguém menos que o autor do livro, Nicodemos Sena.

O autor não se apequena ante a pouquidão dos fatos que vai encontrando pelo caminho, pelo semideserto que afigura a estrada e seu destino final. Manipula habilmente, e com estilo, elementos como violência, solidão, abandono, alienação, estranheza, fantasmagoria, absurdo, saudade, gáudio e decepção, cativando o leitor episódio por episódio.

Decerto pelas circunstâncias factuais, a ficha catalográfica atribui à obra a classificação de crônica. Não sei se concordo. O basear-se em histórias reais – em fatos históricos, por exemplo – não basta para retirar à narrativa a condição de romance; nem é de alegar em contrário a brevidade do seu percurso no tempo – do que é exemplo notório o *Ulisses* de Joyce, cujo périplo se condensa em menos de 24 horas. Para mim, estamos diante de um romance. A classificação é o que menos importa, mas romance – por que não? Ancorado em fatos, com ação suscitada por acontecimentos há anos passados, mas desenvolvida praticamente nos limites de um dia, em clima de tensão psicológica. Um belo romance moderno.

Anderson Braga Horta é poeta,  
crítico, tradutor e membro  
da Academia Brasileira de  
Letras e da Associação  
Nacional de Escritores.

## CARTAS

**Ernani Fraga**

assim como as mangueiras  
dão frutos, os frutos caem  
e se perdem  
e mesmo assim  
as mangueiras inventam  
- e escondem -  
um certo jeito manso de escutar  
o sol nas sombras do quintal,  
a tua ausência entrou na minha  
com o que o tempo desfez

e lá onde não haverá mais  
despedidas, nos arredores  
das separações distraídas,  
somente as cartas resistem,  
todas interrompidas.

**Ernani Fraga é escritor, poeta,  
dramaturgo e advogado.**

## Zero Hora

**Rosani Abou Adal**

Sem sonhos e sono,  
escuto o silêncio da noite.  
É zero hora.  
Hoje é outro dia,  
ontem se foi há um segundo.  
Parece que as horas  
passaram em vão,  
num piscar de olhos.  
Minutos e horas voam.  
É de manhã,  
o sol desperta.  
Não consigo dormir  
nem alcançar os sonhos.

**Rosani Abou Adal é poeta,  
jornalista e vice-presidente do  
Sindicato dos Escritores no  
Estado de São Paulo.**

## PÉS

**Flora Figueiredo**

Conheço minhas pegadas de tanto ir e vir.  
Às vezes, pisam fundo  
como carregassem o peso do mundo;  
às vezes, ficam amassadas  
sob o descuido das outras pegadas.  
Sobre elas, a lua nova desdobra sua saia  
em cena de nudez no chão da praia.  
Só perco meus passos na maré cheia:  
essa mania do mar tirar seus sapatos sobre a areia.  
Conheço bem minhas pegadas.  
Sou capaz de identificá-las em qualquer lugar.  
Se ao menos eu soubesse aonde vão me levar...

**Flora Figueiredo é escritora, poeta, tradutora,  
cronista e compositora.**

**XAVIER CARICATURAS e ilustrações**

Xavier (14) 3731-9471 / 99161-0675 - VIVO  
(11) 97958-6182 - tim xavierlima@terra.com.br  
ou xaviardelima1@gmail.com

[xaviardelima1.wixsite.com/xavi](http://xaviardelima1.wixsite.com/xavi)

## Livros

**Nunca Mais Voltaremos Para Casa**, contos de Emanuel Medeiros Vieira, Editora Costelas Felinas - Livros e revistas artesanais, São Vicente (SP), 48 páginas.

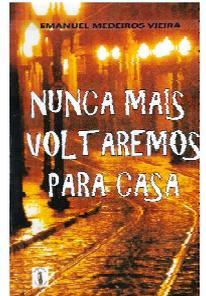
O autor é escritor, poeta, contista, crítico, jornalista, advogado, membro da Associação Nacional de Escritores e colaborador do *Linguagem Viva*.

Segundo Vieira Vivo, "Uma leitura forte, capaz de mostrar a vivência de um homem sempre atado aos seus princípios: tristezas, desilusões dentro de uma visão política e filosófica contemporânea."

O livro foi dedicado à poetisa Rosani Abou Adal.

**Editora Costelas Felinas:** [cacbv@gmail.com](mailto:cacbv@gmail.com)

**Emanuel Medeiros Vieira:** [metonia55@hotmail.com](mailto:metonia55@hotmail.com)



**Ao Redor daquela mesa**, contos, obra coletiva Escritores & Cia, Associação Cultural dos Escritores de Passos e Região, Scortecci Editora, São Paulo, 96 páginas. ISBN: 978-85-366-5221-4.

Participam da antologia, escritores membros da Associação dos Escritores de Passos e Região, Adelaide Alves, Antonio Lemos da Silveira, Aristeu Inácio Pinheiro, Benedito José, Carlos Valente, Cecília de Jesus, Décio Cançado, Efraim A. Marcos, Hilda Mendonça, João Aparecido Rosa (in memoriam), José Carlos Lemos, José Levindo Brasileiro, Maria Jesuina Faria, Magela Oliveira, Rui Câmara, Samantha Calixto Mimar, Sebastião Wenceslau Borges, Silcéia do Nascimento, Umberto Umbelino de

Carvalho e Yara Oliveira.

**Livraria Asabeça:** [www.asabeça.com.br](http://www.asabeça.com.br)

**Presidencialismo Direto: ilusão e caipirinha**, de Cacildo Marques, RG Editores, São Paulo, 140 páginas. ISBN: 978-85-7952-153-9.

Cacildo Marques é escritor, poeta, ficcionista, professor, Pós-Graduado em Economia na Universidade Estadual de São Paulo e fundador e ex-presidente da Organização Cultural de Defesa da Cidadania (OCDC).

A obra mostra quanto o Brasil tem perdido, especialmente na área de educação, a base de todo progresso social, por insistir no regime presidencial de eleição direta, que é destrutivo, e muito mais absolutista que o Presidencialismo Indireto, que tem seus pesos e contrapesos.

**RG Editores:** [www.rgeditores.com.br](http://www.rgeditores.com.br)

**Cacildo Marques:** [cacildomarques@gmail.com](mailto:cacildomarques@gmail.com)



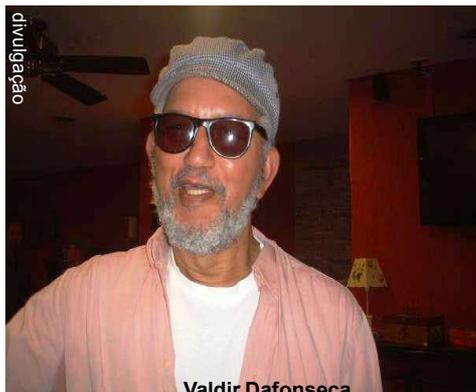
**Um Acervo de Contos** - Reflexivos e Remissivos, de Alfredo Monteiro Filho, RG Editores, São Paulo, 182 páginas.

ISBN 978-85-7952-151-5.

O autor é poeta, romancista, contista, cronista, médico e membro da Academia Pirassunguense de Letras - Artes, Ciências e Educação.

A obra está estruturada em Capítulo I: Contos Reflexivos e Capítulo II: Contos Remissivos Contos Reflexivos. Segundo o autor, "São criações mentais baseadas em eventos de minha infância e adolescência principalmente, mas não são apenas relatórios, meras descrições. Muitas invenções são os fermentos e a massa que os transformam em bolos que, espero, sejam bem palatáveis."

**RG Editores:** [www.rgeditores.com.br](http://www.rgeditores.com.br)



Valdir Dafonseca

O **Sarau Bodega do Brasil** prestou homenagem ao poeta, sambista, compositor e músico Valdir Dafonseca, no dia 9 de dezembro, que contou com as participações dos músicos Carô Oliveira, Luana Faddlei, Luiz Carlos Oliveira, Antônio Carlos Barbosa, Lenir Appes, Carlos Buono e Jubilo Jacobino. Foram apresentadas as canções *Ser e Estar* (Valdir Dafonseca e Carô Oliveira) e *Um segundo só* (Valdir Dafonseca e Carô Oliveira). Valdir Dafonseca compôs uma valsa do poema *Luz e Vida*, de Rosani Abou Adal, publicado com cifra na edição nº 335, julho de 2017. Estiveram presentes os jornalistas Antonio Carlos Barbosa da Fonseca, Gilberto Nascimento Lobato e Carlos Moura. Participaram do sarau os poetas Cacá Lopes, Costa Senna, João Batista Cidrão, Xuxa Mentone, Moreira de Acopiara, Gilda Nunez, Rosani Abou Adal, Vieira Pato, Pingo de Fortaleza, Jhony e Ernandes, Alcedo, Angela Diziolli, Carlos Buono, Jubilo Jacobino, Antônio Carlos, Luana, Carlos Mahlungo, Meramolín, entre outros escritores, cordelistas e músicos.

**Hilda Hilst** será a autora homenageada na 16ª Festa Literária Internacional de Paraty, em 2018, devido sua obra ter extrapolado fronteiras. Hilda Hilst (Hilda de Almeida Prado Hilst) nasceu em 21 de abril de 1930, em Jaú (SP) e faleceu em 4 de fevereiro de 2004, em Campinas (SP). Poeta, ficcionista, cronista e dramaturga. Autora de *Sete cantos do poeta para o anjo*, Massao Ohno, 1962, laureada com o Prêmio PEN Clube de São Paulo, entre outras obras.

**Box – Cecília Meireles: Poesia completa** foi lançada pela Global Editora. A obra reúne poemas publicados em *Espectros* (1919) até os últimos poemas em 1964. Abriga um caderno iconográfico com fotos e manuscritos do arquivo pessoal e capas dos seus livros.

**A Fundação Dorina Nowill para Cegos**, pelos 70 anos de contribuição à inclusão social pela leitura de pessoas com deficiência visual, foi agraciada com Menção Honrosa do Prêmio IPL – Retratos da Leitura, promovido pelo Instituto Pró-Livro.

O **Prêmio Jabuti**, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, na 59ª edição, laureou na categoria Livro do Ano - Ficção a obra *Machado* (Companhia das Letras), de Silvano Santiago; na categoria Livro do Ano - Não Ficção, *Alfabetização: a questão dos métodos* (Contexto), de Magda Soares.

## Notícias

**Milton Hatoum** lançou *A Noite da Espera* (Companhia das Letras e SESC), primeiro volume da trilogia “O Lugar Mais Sombrio”, romance que retrata a formação política e cultural de um grupo de jovens, na Brasília dos anos 1960 e 1970, cujo drama familiar se entrelaça à história da ditadura militar.

**Carla Benedetti**, advogada, mestre em Direito Previdenciário pela PUC São Paulo e especialista em direito previdenciário, lançou *Aposentadoria da pessoa com deficiência sob a visão dos Direitos Humanos* (Lumen Juris Editora).

**Milton Campos**, professor honorário do Departamento de Comunicação da Universidade de Montreal e egresso da USP, lançou *Navegar é preciso. Comunicar é impreciso*, pela Edusp.

**Robert C. Berwick** e Noam Chomsky lançaram, pela Editora UNESP, *Por que apenas nós? Linguagem e evolução*. Os autores investigam as especificidades da evolução da linguagem.

**Memórias Resistentes, Memórias Residentes**, obra lançada pelo Memorial da Resistência e Coordenadoria de Direito à Memória e à Verdade, reúne um levantamento dos principais lugares de memória da cidade de São Paulo relacionados à ditadura civil-militar.

**Antonio Luceni** lança *O Menino e o Vento*, pela Editora LETRASELVAGEM, na sede da UBE-SP. A obra foi agraciada com o I Prêmio Nelly Novaes Coelho de Literatura Infantil 2015, promovido pela União Brasileira de Escritores de São Paulo e com o apoio da Associação Cultural LETRASELVAGEM.

**Christian Dunker**, Cristovão Tezza, Julián Fuks, Marcia Tiburi e Vladimir Safatle lançaram *Ética e pós-verdade*, pela Editora Dublinense.

**Guido Bilharinho** publica entrevistas, depoimentos e um livro por mês em seu blog <https://guidobilharinho.blogspot.com.br/>. Está disponível *Obras-Primas do Cinema Brasileiro*.

O **Projeto de Lei (PL) 49/2016**, que obrigava as livrarias separarem 30% de suas vitrines para livros escritos por autores nacionais, foi arquivado. Encaminhado à publicação o Parecer nº 67, de 2017, da Comissão de Educação, Cultura e Esporte, foi rejeitado pelo relator Senador Roberto Muniz (PP/BA).

O **País que não teve infância**, de Antonio Callado, foi lançado pela Autêntica Editora. Ana Arruda Callado selecionou 86 crônicas inéditas em livro que foram publicadas na coluna Sacada da revista *IstoÉ*.

**Raquel Naveira** iniciou trabalho como radialista da CBN, a Rádio que Toca Notícias, em Campo Grande/MS, emissora comandada pelo grupo Rosário Congro Neto (RCN) de Comunicação de Três Lagoas, frequência 93,7 FM.

**Claudio Bojunga**, jornalista, escritor e autor da biografia de seu avô - o *Acadêmico Roquette-Pinto* (1884-1954) - foi laureado com o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes de 2017 da Academia Brasileira de Letras.

**Ketty Valencio**, bibliotecária, inaugurou a loja física da Livraria Africanidades, localizada na Rua Aimerê, 1.158, Perdizes, em São Paulo.

**A Nova Diretoria da Academia Brasileira de Letras**, eleita no dia 7 de dezembro, tomou posse em solenidade, no Salão Nobre do Petit Trianon, no dia 14 de dezembro. A Diretoria, eleita por unanimidade, terá como Presidente Marco Lucchesi, Alberto da Costa e Silva (Secretário-Geral), Ana Maria Machado (Primeira-Secretária), Merval Pereira (Segundo-Secretário) e Edmar Bacha (Tesoureiro).

**Ana Teresa Pereira**, com o romance *Karen*, foi laureada em primeiro lugar no *Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa de 2017*, promovido pelo Itaú Cultural. *Será agraciada com R\$ 100 mil*. Silvano Santiago, em segundo lugar, com o romance *Machado*, R\$ 60 mil.

**Bernardo Gurbanov** foi reeleito presidente da Associação Nacional de Livrarias para o biênio 2018-2019. A nova diretoria será empossada no dia 1 de janeiro de 2018.

**Raquel Menezes** foi reeleita presidente da Libre - Liga Brasileira de Editoras, para o exercício 2018-2020. <http://libre.org.br/>

**Antologia Poética Hispano Chilena del siglo XX**, patrocinada pela Fundação Chile Espanha, composta de dois volumes, reúne 40 poetas chilenos e 40 poetas espanhóis. [www.fundacionchile-espana.org](http://www.fundacionchile-espana.org)

**Pedaladas Poéticas**, antologia organizada por Aroldo Pereira e Wagner Merije, será lançada no dia 30 de janeiro de 2018, terça-feira, às 20 horas, no Sebinho Livraria, Cafeteria e Bistrô, Asa Norte Comércio Local Norte 406 - Bl. C Loja – Asa Norte, em Brasília (DF).

**Marina Colasanti** foi agraciada com o Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Fundação SM. Durante a Feira do Livro de Guadalajara, a laureada recebeu uma estatueta e um prêmio de US\$ 30 mil.

O **Movimento Aldravista de Arte e Literatura** completou, em novembro, 17 anos de atividades na cidade de Mariana. Os poetas aldravistas Andreia Donadon Leal, José Benedito Donadon Leal, Hebe Rola, Gabriel Bicalho e J.S. Ferreira realizaram uma vasta programação, com a participação de alunos e escritores de Mariana e de outras regiões do país, objetivando o incentivo à leitura. Foi lançado o livro *V das aldravias*, cuja temática foi JUSTIÇA, com prefácio do Promotor da Comarca de Mariana. Dr. Guilherme de Sá Meneghin. O Professor Emérito da UFOP, Dr. J.B. Donadon-Leal preferiu palestra sobre Semiótica aplicada à leitura de mundo. Também foram entregues os prêmios do 4º Concurso Internacional da ALACIB. O evento foi organizado pela Aldrava Letras e Artes, Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravistas e Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil (Alacib).

**As Edições SESC São Paulo** lançaram o livro *Sétima arte: um culto moderno, um clássico da historiografia do cinema mundial*, do professor Ismail Xavier.

**Extraordinárias – Mulheres que revolucionaram o Brasil**, de Aryane Cararo e Duda Porto de Souza, com ilustração de várias autoras, foi lançado pela Companhia das Letras.